

INTERTEXTUALIDADE: DIÁLOGOS POSSÍVEIS¹

Caroline Cassiana Silva dos Santos²

O conceito de intertextualidade surge no bojo da Teoria Literária, nos anos 60, com a proposição da crítica francesa Julia Kristeva de que todo texto é um “mosaico de citações”. Esse postulado foi criado com base no dialogismo de Mikhail Bakhtin (1929) apontando que um texto só pode ser compreendido por meio do diálogo estabelecido com outros textos.

Essas são as premissas que orientam o trabalho das pesquisadoras Koch, Bentes e Cavalcante, consubstanciadas na obra *Intertextualidade: diálogos possíveis*. Adotando a perspectiva teórica da Linguística Textual, as autoras discutem, nos seis capítulos que compõem a obra, e recuperando exemplos de alguns tipos de textos (literários, jornalísticos, propagandísticos, letras de músicas, etc.) que circulam em diferentes suportes, o fenômeno da intertextualidade (*lato e stricto sensu*) bem como suas categorizações.

Para tanto, no capítulo introdutório do livro, as autoras sinalizam as transformações sofridas pelo conceito de texto ao longo do tempo, adotando a noção de texto como “construto histórico e social” que demanda a operação de co-enunciadores sobre ele para que seja possível a construção de sentidos.

No primeiro capítulo, são explicitados o conceito de intertextualidade *stricto sensu* - “[...] em um texto, está inserido outro texto (intertexto) anteriormente produzido, que faz parte da memória social de uma coletividade ou da memória discursiva [...] dos interlocutores.[...]” (p. 17) – e seus diversos tipos: temática, estilística, explícita, implícita, todos acompanhados de exemplos de textos que circulam entre nós.

No capítulo seguinte, a intertextualidade em sentido restrito ainda é recuperada quando é abordada a noção de *détournement*, termo francês formulado por Grésillon e Maingueneau (1984), que abarca a maior parte dos exemplos de intertextualidade implícita. Essa seria uma forma de intertextualidade em que, segundo as autoras, o texto-fonte é alterado com vistas à produção de sentidos.

Os conceitos de intertextualidade intergenérica e intertextualidade tipológica são explicitados no terceiro capítulo. Para Koch, Bentes e Cavalcante, o primeiro tipo refere-

¹ Resenha do livre de Ingedore G. Villaça Koch; Anna Christina Bentes; Mônica Magalhães Cavalcante. (São Paulo: Cortez, 2007).

² Mestre em Educação pela FCT/UNESP de Presidente Prudente; Professora da rede municipal de ensino de São Paulo. E-mail: carolcassiana@zipmail.com.br

se ao intercâmbio entre diferentes gêneros textuais com o objetivo de “produzir determinados efeitos de sentido”; enquanto o segundo caso refere-se a seqüências ou tipos textuais que permitem reconhecer um texto como pertencente à dada classe.

No capítulo “Intertextualidade e polifonia”, são esboçadas as diferenças entre os dois conceitos. Segundo as autoras, a polifonia é mais ampla que a intertextualidade, uma vez que naquela não são necessários textos efetivamente existentes para sua construção. No quinto capítulo, a análise recai sobre o conceito de intertextualidade lato sensu. Compreendendo essa categoria não apenas como “princípio teórico norteador”, as autoras apontam, com base na Lingüística Antropológica, a existência de estratégias de manipulação da intertextualidade que permitem compreender práticas de produção e recepção dos gêneros do discurso.

Por fim, no capítulo “Intertextualidade – outros olhares”, é retomada a produção de estudos literários de Gerard Genette (1982), apresentando seus conceitos de transtextualidade (ou transcendência textual), classificada em cinco tipos: intertextualidade restrita, paratextualidade, arquitextualidade, metatextualidade e hipertextualidade. Com isso, são apontados aproximações e distanciamentos presentes na produção desse autor em relação ao conceito de intertextualidade stricto sensu até então discutida no livro em análise.

Ao focalizar a intertextualidade, Koch, Bentes e Cavalcante escrevem uma obra em que são recuperados não apenas estudos teóricos sobre o tema, mas também exemplos de textos que circulam em diferentes meios e suportes, facilitando a compreensão das categorizações propostas para este fenômeno.

Assim, sua leitura não estaria restrita a pesquisadores da área de Letras (especialmente, da Lingüística), abarcando, por isso, profissionais da Educação ligados ao ensino da língua materna, uma vez que os textos têm espaço privilegiado nesse ensino e a intertextualidade em suas diferentes formas é condição para a compreensão dos textos bem como uma possibilidade para a construção de leitores críticos.